

O DESGOSTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO

Suetônio de Farias Matias
Escola Estadual de Ensino Médio “Juarez Maracajá”
suetoniofarias@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho nasceu de uma investigação científica voltada para a observação com a atividade pedagógica no que se refere ao ensino/estudo da Literatura no ensino médio, nível de estudo no qual a Literatura faz parte efetiva da grande curricular. Tem por objetivo realizar um estudo sobre a pertinência do ensino de literatura nesta etapa de ensino e investigar quais os fatores que contribuem para o desgosto pela arte literária, uma vez que se tem observado de modo clarividente a presença de um sentimento de repulsa entre aluno e texto literário. Como campo de pesquisa, foi contemplada a Escola Estadual de Ensino Médio Inovador “Juarez Maracajá”, localizada na cidade de Gurjão-PB, no nível médio da Educação Básica para a presente pesquisa, tal escolha foi feita tendo em vista a inexistência de outros níveis de ensino na referida escola, bem como ser o ensino médio mais propício para a pesquisa em pauta. O presente artigo descreve a necessidade de uma mudança na postura do professor no que se refere à metodologia do trabalho com literatura, uma vez que o corpo discente tem demonstrado desinteresse por tal área de estudo; desta forma, procuram-se alternativas para mudar o quadro evidenciado, dinamizando o trabalho literário. O referido escrito tem como meta principal corroborar a assertiva de que o estudo de literatura está situado num estado de falência, sendo uma consequência de atos pedagógicos equivocados, os quais provocam o desgosto pela literatura. Tomou-se com base para o referido estudo: COSSON (2009), JOBIM (2009), LAJOLO (2009), MARTINS (2006), PAULINO & COSSON (2009), TAVARES (2003), ZILBERMAN (2009), e ainda referências da rede mundial de computadores.

Palavras-chave: literário, desgosto, aluno, ensino médio.

INTRODUÇÃO

É consenso entre os estudiosos que a forma mais viável de estimular alguém à leitura ocorre através da literatura, visto que proporciona um deleite voltado para as causas e consequências sociais, ou seja, nenhuma obra literária é por si só ficção, nela perpassa todo um intento voltado para as questões da realidade e do mundo imaginário.

Observando o potencial da literatura no que condiz ao despertar crítico e criativo, faz-se necessário direcionar um olhar mais atencioso para tal área de conhecimento, tendo em vista a percepção, na grande maioria das salas de aula, da literatura trabalhada apenas como um pretexto ou obrigação de um currículo previamente elaborado, olvidando assim o seu caráter mais importante, o deleite da leitura.

Este escrito parte da premissa de que, quando não trabalhada adequadamente, a área literária não aparece como agradável aos discentes, pois aparece como enfadonha e desmotivada. Tal visão da literatura se volta mais para a análise de uma metodologia de ensino do que para própria arte literária. Em outras palavras, na atualidade o trabalho com literatura pelos docentes não vem contribuindo para o aproveitamento real do estudo literário, levando-se em consideração o ensino médio como nível de aprofundamento do estudo.

O presente artigo mostra um estudo sobre as práticas pedagógicas sob o ponto de vista do aluno e do trabalho em sala de aula com a literatura, servindo como uma opção para aqueles educadores que desejam diversificar a metodologia de trabalho com obras literárias no ensino médio, bem como refletir sobre a necessidade de se trabalhar com a literatura na educação formal de forma espontânea e agradável, pois o que se observa é uma prática de ensino que deixa cair por terra o crédito na mesma enquanto área de conhecimento. A literatura na escola é direcionada apenas como um complemento curricular e como a parte descartável no processo de ensino-aprendizagem, apresentando, assim, um viés contraditório ao que deveria propor, já que as metas pedagógicas subjacentes ao ensino da literatura são: despertar e estimular nos discentes o interesse pela leitura, bem como fazer da área literária um campo de estudo de maior enfoque e justa valorização.

Um dos motivos para a presente investigação foi a curiosidade sobre como tornar a relação escola-sociedade concreta, ou seja, levar a escola ao meio social e vice-versa, que não podem estar dissociadas, já que uma e outra não são entidades estanques e estão interligadas.

Como alicerce para este trabalho buscou-se as teorias presentes em COSSON (2009), JOBIM (2009), LAJOLO (2009), MARTINS (2006), PAULINO & COSSON (2009), TAVARES (2003), ZILBERMAN (2009), e ainda referências da rede mundial de computadores.

METODOLOGIA

O presente artigo estruturou-se através de pesquisa teórica e através de questionário, tendo como público alvo os alunos do ensino médio da Escola Estadual “Juarez Maracajá, localizada na cidade de Gurjão-PB.

Fez-se uso de uma pesquisa por amostragem, sendo selecionados cinco alunos dos três níveis do ensino médio para responder a questões referentes ao contato com a literatura. De posse dos dados, passou-se a análise dos mesmos a partir dos teóricos presentes no escrito. Houve ainda, durante um mês, a observação das aulas de literatura no referido educandário.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, através de uma análise interpretativa dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados na pesquisa realizada sobre a relação dos alunos com a literatura mostram as opiniões dos discentes, as quais se revelam indiferentes às seguintes perguntas:

- O que você entende por literatura?;
- Você gosta de literatura? Por quê?;
- Você acha que o ensino de literatura é necessário? Por quê?
- Quais as dificuldades no estudo da literatura?;
- Você lê mais textos literários ou outros tipos? Por quê?

As concepções que dizem respeito às vertentes da literatura apresentadas pelos alunos confirmam que a escola está causando a morte da literatura, tendo em vista haver um reflexo de concepções equivocadas vítimas de práticas também equivocadas.

A pesquisa aponta que o desgosto pela literatura é oriundo de práticas pedagógicas não adequadas para a dinâmica da sala de aula e para a visão da literatura introjetada na arte, como também a assertiva de que a escolarização da mesma não acontece de forma satisfatória, o que não condena os conteúdos, mas tão somente a forma como são trabalhados, então está amparada pela visão na metodologia do ensino da literatura, que começa na base do trabalho com a literatura no ensino.

Logo abaixo, observem-se as respostas comuns às referidas perguntas.

Aluno 1: “Literatura é o estudo de Língua Portuguesa”;

Aluno 2: “Não gosto de literatura porque é muito difícil”;

Aluno 3: “O ensino de literatura é necessário porque prepara para o vestibular”;

Aluno 4: “Não leio literatura porque é chato”;

Aluno 5: “Gosto de ler outros tipos de textos porque é bem interessante”.

De acordo com o *aluno 1*, o ensino de literatura se confunde com o ensino de Língua Portuguesa. Isso se deve a pouca importância que essa área de estudo vem tendo nas escolas e da forma como está sendo conduzido o ensino, tanto da literatura como da língua portuguesa, ou seja, não são construídos nos alunos parâmetros de diferenciação, pois muitas vezes as aulas de literatura são usadas como pretexto para finalizar uma aula de gramática. Desta forma, o ensino de literatura inevitavelmente confunde-se com o de Língua Portuguesa.

Segundo TAVARES (2003, p. 114):

No ensino médio, oportunidade em que o conteúdo de Literatura faz parte efetivamente da estrutura curricular, é lastimável o tratamento que lhe é dispensado. Geralmente funciona como apêndice da Língua Portuguesa, a verdadeira e única disciplina “séria”, que precisa de atenção redobrada.

Como o autor reafirma, é comum nos educandários a comunhão entre Literatura e Língua Portuguesa, sendo que a aquela é colocada num patamar de inferioridade, com isso, os trabalhos com a mesma devem dar espaço para outros trabalhos mais “importantes”, deixando de ser relevante para a sala de aula e, conseqüentemente, para o ensino. A literatura não pode ser vista nesse contexto, deve ter o tratamento especial e de extrema relevância para o sujeito aprendente, pois contribui de mesmo modo para formação cidadã do aluno e para a construção da sua personalidade, envolvendo aspectos emocionais de quem lê.

Essa ausência de importância para o estudo de literatura já foi apontada por PAULINO & COSSON (2009, 73):

Não tarda, porém, que as obrigações e a própria organização dos tempos escolares impeçam a leitura de maior fôlego e mais intensa que o texto literário requer. No curto tempo da aula, só há espaço para a leitura de textos curtos e simples, os quais tendem a ser explorados com perguntas previamente preparadas que não contemplam a especificidade da leitura individual de cada aluno.

Nesse sentido, constata-se certa acomodação do aluno e a falta de um válido reconhecimento da literatura nas salas de aula, portanto traz como consequência uma quebra da identidade literária, por isso não é de se causar estranheza que o aluno a confunda com qualquer outra disciplina, apenas como um conteúdo curricular a mais, mas não literatura.

Outro ponto que contribui para o desgosto literário é fato de ser concebida como algo muito difícil, possível apenas para alguns iniciados, é o que se nota na resposta do *aluno 2*.

De acordo com a pesquisa realizada, atestou-se que a escola deixa no aluno a visão de que a literatura se define como a leitura de obras de autores canonizados pela literatura e só através dela o aluno pode aprender a ler e escrever bem. Isso anula a trajetória e a experiência cultural que o aprendiz já traz, ou seja, nega-se a vida fora do espaço educacional e coloca-o em contato com a leitura de textos de difícil compreensão, muitas vezes desconexos com o seu contexto.

Tal fato demonstra que a escola exerce um “preconceito textual”, tendo em vista o uso da invariabilidade textual, criando assim o mito da literatura como uma área que causa medo e exige cuidado para ser explorada, evidenciando ainda o espaço escolar como um recinto exclusivamente pertencente à classe dominante. Conforme, SOARES (*apud* TAVARES, *op. cit.*, p. 116) essa forma de dominação exerce um tipo de marginalização, já que reforça a separação de classes.

É de se estranhar que, mesmo existindo várias formas de manifestação literária, como a internet, a literatura popular, jornais, revistas em quadrinhos, que são tão necessárias no âmbito escolar, a escola insiste em negá-las, atuando e continuando como autoritária e preconceituosa.

Na concepção do *aluno 3*, a literatura ganha importância apenas para aprovação em concursos. No ensino médio, nível de ensino no qual a literatura deveria ser vivida intensamente, estágio de concretização do gosto pela leitura, o aluno se confunde e acredita que sua utilidade tem sentido apenas para o vestibular.

Afirmar a literatura como crédito apenas para passar numa prova é, no mínimo, injusto, porque é servindo a vida e servindo na vida que a literatura encontra seu real valor; porém a escola não percebe esta amplitude e faz uso da leitura/estudo de obras literárias apenas para passar no vestibular, o que estipula uma data de validade para a literatura.

Para essa terminalidade da literatura, ZILBERMAN (*apud* MARTINS, *op. cit.*, p. 94) afirma que “[...] os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de Letras; portanto, a ‘continuidade’ também não comparece”.

Desta forma, o aluno, ao entender o estudo da literatura útil apenas para “passar no vestibular”, não consegue perceber seu caráter mais amplo enquanto função social, resultando num ocultamento da leitura literária na condição de prática social.

Mais um motivo que contribui para o desgosto literário diz respeito ao contato entre texto literário e leitor proporcionado pela escola, que é quase inexistente.

Por ausência de critérios pedagógicos e metodológicos bem definidos, a escola cria um afastamento do aluno-leitor, muitas vezes por causa da má seleção dos textos literários trabalhados. Não raro, encontra-se como critério de seleção a leitura que o professor experimentou, desta forma o que serviu para ele, supostamente servirá para o aluno, o que na realidade demonstra que não é observada e identificada a necessidade dos discentes. Essa evidência pode ser observada nas concepções dos alunos 4 e 5.

O aluno quando tem o contato com os textos de literatura os define como chatos, enfadonhos, cansativos e sem desejo de retorno àquela leitura, isto porque o gosto da leitura é individual, subjetivo, nunca encontrado numa hereditariedade, daí a experiência que o professor sentiu quando leu tal obra, não será a mesma quando vivenciada pelo aluno. Mais ainda, as repostas dos *alunos 4 e 5* acontecem devido à insistência da escola em polarizar a leitura do cânon literário.

O letramento literário se preocupa com o que é atual, desta forma é relevante que a escola atualize o seu repertório literário e utilize textos que fazem parte da vivência do aluno, uma vez que esses textos são mais atrativos do que os secularmente listados como leitura obrigatória.

Para COSSON (2009, p. 34):

A literatura deveria ser vista como um sistema composto de outros tantos sistemas. Um desses sistemas corresponde ao cânone, mas há vários outros, e a relação entre eles é dinâmica, ou seja, há uma interferência permanente entre os diversos sistemas. A literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura.

Não se afirma que o cânone tradicional deva ser descartado, mas tão somente que a escola deve se abrir a outros tipos de cânones, relacionando-se entre si, trabalhando igualmente com o atual, que significa o que uma obra, independente de seu tempo, representa para o seu leitor, sendo assim, uma obra pode ser do século passado e ser atual em conteúdo e vice versa.

A escola deve efetivar a literatura vista como uma pluralidade de outros sistemas, que não apenas o cânon. Por acreditar que o modelo tradicional é o único tipo de texto que deve ser explorado, a escola acaba por encerrá-la como algo chato, cansativo e desnecessário, fazendo com que o aluno se afaste dos textos literários e prefira outros tipos mais interessantes, e em caso mais grave, de acordo com GENOUVIER e PEYTAD (*apud* JOBIM, 2009, p. 115), o trabalho com a leitura do cânon literário que “[...] pode estimular, também pode provocar ‘bloqueios’”, já que o aluno entra num mundo estranho.

CONCLUSÃO

A literatura tem a capacidade de proporcionar prazer, diversão e fruição para quem com ela se relaciona. Desta forma, o que se percebe é que a escola vem contribuindo para que estas características da arte literária estejam sendo castradas, tendo em vista a adversa relação existente entre literatura e educando.

Devido às práticas equivocadas em sala de aula, ou por descuido, ou por falta de subsídios teóricos ou até mesmo por inércia laboral, as aulas de literatura no ensino médio vêm exercendo um papel inadequado, o qual sufoca o desenvolvimento do gosto pela literatura no aluno. Está se presenciando gradativamente a morte da literatura pelo prazer, pois aqueles que a deveriam saber como instrumento de formação e transformação cidadã estão fazendo uso de práticas errôneas, utilizando-a como veículo de tortura no ensino.

Percebe-se que o desgosto pela literatura está vinculado à crença de mitos carregados pelos alunos, consequência de práticas distanciadas da satisfatória efetivação do ensino literário incumbido de deixar clarividente a função social da arte literária, a qual não pode ser confundida com a descrição de estilos.

Em resumo, a falta de uma satisfatória escolarização da literatura, de um letramento literário, faz com que o prazer do texto literário não seja alcançado no ensino médio, ao contrário o que se efetiva nos alunos é um sentimento de desgosto, de repulsa, consequência de exercícios docentes mal realizados. Isso faz com que se afirme não só o desgosto literário, mas o assassinato da função adequada da literatura na escola.

O prazer pela literatura, o gosto literário no ensino médio, não é despertado no processo de ensino-aprendizagem, pois é negado ao aluno o direito de receber orientações para encontrar o caminho; não é o caso de mostrar-lhe o itinerário certo para o gosto literário, mas desviá-lo das propostas errôneas. Tal objetivo só será alcançado quando a escola mudar sua postura com relação ao ensino da literatura, quebrando paradigmas sobre a construção do gosto literário, a fim de se transformar num nascedouro de leitores, formando o discente para a autonomia literária, do contrário afirme-se por muito tempo o desgosto literário.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 19-108.

JOBIM, José Luís. *A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar*. In: Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. Regina Zilberman & Tânia M. K. Rosing (org.). São Paulo: Global, 2009. Pp. 113-136.

MARTINS, Ivanda. *A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?* In: Português no ensino médio e formação do professor. Clécio Buzen & Márcia Mendonça (org.). – São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 83-102.

PAULINO, Graça & COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. Regina Zilberman & Tânia M. K. Rosing (org.). São Paulo: Global, 2009. Pp. 61-76.

TAVARES, Edson. *Literatura na escola: “assassinato” do gosto literário*. IN: Tecidos Metafóricos. Sudha Swarnakar (org.) João Pessoa. Idea. 2003. pp. 103-121.